

ROCHA PEIXOTO

OBRAS

VOLUME I

ESTUDOS DE
ETNOGRAFIA E DE ARQUEOLOGIA

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
1967

UM GUERREIRO LUSITANO (*)

Como os berrões transmontanos, as porcas de Bragança e Murça, os bezerros de Espanha e outra estatuária zoomórfica da primitiva arte ibérica, as nossas estátuas calaicas, pela sua execução sumária, ingénua e hirta, pelo ilogismo anatómico e pela ausência de valores expressivos, integram-se no mesmo aspecto genérico que caracteriza, em toda a parte, os debutes do instinto plástico. Assim foi de Tirinto a Atenas: limitação do sentimento da forma e do movimento, braços cingidos ao tronco, pernas unidas, formas gerais rígidas e quadradas evoluindo, na Hélade, até à divina arte.

A nossa escultura inicial em pedra, duma factura tão bárbara que é, a bem dizer, um caso de teratologia estética, exprime valores documentais de outra ordem, cujo relevo avulta na história e na mitologia indígenas. Há um costume funerário, há um traje militar ibérico, há uma lição epigráfica que precisa a época e há a legitimação concreta do texto de Estrabão sobre os guerreiros da Lusitânia que derivam dum calhau, o qual é, a um tempo, um aborto plástico, e um singular, real e admirável depoimento histórico.

As denominadas estátuas calaicas, assim chamadas por terem sido encontradas só até ao Douro, ou seja o limite sul da Calaecia, são nove: duas procedentes de Montalegre, que pertencem ao rei e estão na Ajuda; uma de Fafe e outra de Vizela, no Museu de Guimarães; outra de Vila Pouca, actualmente no Museu Etnológico de Lisboa; a de Basto, conservada como epónimo em Refojos; duas da Galiza e a de Viana do Castelo, concedida obsequiosamente como depósito, por instâncias do Museu do Porto, a este estabelecimento público.

Foi esta última a primeira que originou os estudos da famosa estatuária militar indígena pelo exame directo do insigne epigrafista alemão Emílio Hübner e ainda pela cooperação de Alexandre Herculano e Augusto Soromenho. Existia então numa casa da rua da Bandeira, em Viana; e o que sobressaía neste vulto quase informe onde se dis-

(*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 14 de Maio de 1903 (p. 2).

tinguia, entanto, um saial de mangas curtas, um cinturão, um escudo oval seguro pelas mãos à frente do abdómen e uma adaga de lâmina larga e curta, era a inscrição, aliás obliterada, insculpida no sago e na perna direita.

O cartáceo de Soromenho, o calco em gesso de Herculano e o exame de Hübner determinaram o estudo publicado pelo insigne antiquário germânico no «*Archaeologische Zeitung*» (1861) ao diante corrigido no seu famoso «*Corpus Inscriptiones Hispaniae Latinae*» (*). E concluía que se tratava presumivelmente dum guerreiro calaico ou galaico bracaraugustano, dotado de direito cívico romano, esculpido para monumento sepulcral, não representativo do morto, mas como distinção genérica, e contemporâneo, quando muito, dos tempos de Nero. À parte a preferência da denominação de lusitano em vez de calaico, que Martins Sarmiento indisputavelmente justificou, todos os eruditos estão de acordo com a interpretação inicial de Hübner fundamentada em motivos que não são para exhibir neste lugar.

De então para cá a estátua lusitana de Viana interessou numerosos historiadores, desde os trabalhos de Godoy, de Guerra, de Rada y Delgado, de Murguia até aos mais recentes de Eudes, apresentando (1896) uma comunicação à Sociedade dos Antiquários de França sobre os nossos guerreiros em pedra, a monografia de Pierre Paris e as estampagens em numerosas publicações estrangeiras e nacionais. Em volta da estátua de Viana — que hoje pode ser examinada no claustro da Biblioteca Pública do Porto pelos curiosos da relíquia histórica (**)

— há uma icónica e uma bibliografia que se conta por várias dezenas de espécies, interesse e vulgarização estas que não têm logrado outros monumentos de mais alto valor artístico. É que o guerreiro lusitano representa o mais vetusto e autêntico despojo antropomórfico, em grande, que nos legou o tempo antigo.

Todavia a antiguidade da estátua já sofreu (1878) um efémero percalço. Numa sessão do Instituto de Coimbra, o ilustre antiquário sr. Figueiredo da Guerra chamava a atenção para o capacete medieval, de dupla viseira e gola, para as cinco vieiras em santor que ornamentavam o escudo, para a cruz aberta no tórax. Não se trataria antes

(*) A bibliografia que, sobre a estátua de Viana do Castelo, era conhecida ao tempo de Rocha Peixoto, foi indicada por este investigador em diversas notas do seu artigo «O Basto», publicado em 1903 na *Portugália* (tomo I, fasc. 4.º, p. 833) (Vide pp. 364-365 deste vol. I das OBRAS de Rocha Peixoto).

(**) Actualmente esta estátua encontra-se no *Museu Municipal* de Viana do Castelo.

ROCHA PEIXOTO

duma rude escultura dos séculos XII ou XIII? A observação promoveu um cuidadoso inquérito ao monumento por parte do insigne publicista e historiador, sr. José Caldas, o qual, numa comunicação a Sarmento, legitima a evidente adição da cabeça e a ridícula e brutal violação do escudo. Para transformar a velha estátua galaica de Viana num lidador da Idade Média, diz Sarmento numa memória sobre o monólito, bastou ajeitar uma cabeça ao corpo e ressaltar no escudo um certo brasão para o bom do galego entrar no panteão duma família determinada.

Ora é Camilo Castelo Branco quem mais tarde (1882) vem completar o esclarecimento do caso. As armas eram dos Rochas e esta família tinha o solar em Meixedo, entre o monte de Arga e a serra de Geraz, lugar onde ainda existem muitos vestígios luso-romanos. Foi um padre da família quem mandou abrir o escudo na estátua que lhe surgiu de entre as velharias locais. Anos depois, em 1622, é que a estátua vem para Viana, onde o povo faz passar um episódio, em pleno séc. XVII, em que o protagonista, de elmo medieval, e com rodela e sica à maneira dos lusitanos do primeiro século, ficou perpetuado na estátua!...

De facto contava-se que um antigo senhor da casa dos Rochas fora perigosamente ferido no ventre quando entrava na casa da rua da Bandeira; animoso, porém, abate o inimigo com a dextra enquanto, com o escudo, denodadamente segurava as tripas!... Como nas etimologias locais, para explicar a atitude inventou-se a lenda heróica!

Porto.